

CDD OBSERVA ELEIÇÕES NA ZÂMBIA

Em eleições renhidas, Edgar Lungu ameaça não aceitar derrota

- Logo pelas primeiras horas do dia eram notórias as longas filas de eleitores nos postos de votação da capital Lusaka. O ambiente estava calmo e ordeiro, mas não havia distanciamento social entre os eleitores, alguns dos quais tinham passado a noite anterior nos locais de votação. Mesmo com a pandemia da Covid-19, a determinação em votar só lembra o cenário vivido em 1991, quando a Zâmbia organizou as primeiras eleições multipartidárias, após mais de duas décadas de regime de partido único (Partido Unido para a Independência Nacional). A crise socioeconómica e a corrupção que marcaram os últimos anos de governação de Kenneth Kaunda tinham esgotado a paciência dos zambianos e o voto pela mudança era irreversível. E foi o que se viu: o líder independentista e fundador da nação perdeu a eleição para Frederick Chiluba, do Movimento para a Democracia Multipartidária. O voto juvenil foi decisivo para a primeira alternância política na região.





Enchentes foram notórias em muitos postos de votação

Trinta (30) anos depois, o cenário repete-se. As eleições desta quinta-feira (12 de Agosto) também ocorrem num contexto marcado pela crise económica e pelo desgaste da imagem do partido no poder, a Frente Patriótica, e do seu Presidente Edgar Lungu, que concorre à sua sucessão. Quando foi eleito Agosto de 2016 como o sexto Presidente da Zâmbia, Edgar Lungu, agora com 64 anos, prometeu que não iria concorrer para um segundo mandato. Na verdade, ele tinha governado a Zâmbia por um período de um ano e seis meses, quando assumiu a presidência após a morte do Presidente Michael Sata.

O facto de não ter cumprido com a promessa, mesmo perante a subida dos níveis de impopularidade, joga agora a seu desfavor. A maioria dos seis (6) milhões de

A maioria dos seis (6) milhões de eleitores zambianos, sobretudo o eleitorado jovem, quer mudanças. Nas grandes cidades como Lusaka e Copperbelt – que deve a sua dinâmica à indústria extractiva de cobre, a principal riqueza no subsolo zambiano - a derrota de Lungu e da Frente Patriótica é quase um dado adquirido.

eleitores zambianos, sobretudo o eleitorado jovem, quer mudanças. Nas grandes cidades como Lusaka e Copperbelt – que deve a sua dinâmica à indústria extractiva de cobre, a principal riqueza no subsolo zambiano - a derrota de Lungu e da Frente Patriótica é quase um dado adquirido. E o voto urbano é mais determinante nas eleições zambianas, ao contrário do voto rural bastante “eticizado” (na Zâmbia contabilizam-se mais de 70 grupos étnicos).

Nas disputadas eleições de 2016, uma diferença mínima de 25.000 votos evitou uma segunda volta entre Edgar Lungu e Hakainde Hichilema, do Partido Unido para o Desenvolvimento Nacional (UPND, sigla em inglês). Lungu foi eleito com 50,35% dos votos, contra 47,63% de Hichilema. Desta vez, analistas zambianos colocam Hichilema e o seu partido UPND como os favoritos à eleição, sobretudo nas decisivas cidades



CDD lidera a missão de observação eleitoral da SAHRDN



de Lusaka e Copperbelt. Antes da votação desta quinta-feira, sondagens independentes como do Afrobarómetro colocavam Hichilema à frente do Lungu. Isso apesar de vários actos de “sabotagem” contra a campanha do candidato da oposição, bem à moda moçambicana.

Por exemplo, o *Africa Confidential* escreve que durante a campanha eleitoral, Hichilema foi impedido de voar na sua aeronave para vários destinos. As autoridades de aviação não autorizavam os seus planos de voo. É quase consensual que o UPND vai liderar as contagens nas províncias do

sul, oeste, centro e noroeste, enquanto a Frente Patriótica deverá ser dominante nas províncias do leste e norte. Analistas acreditam que é mais provável que Hichilema tenha um bom desempenho nos círculos eleitorais tradicionalmente dominados pela Frente Patriótica do que o contrário.

Lungu antecipa-se aos sinais de derrota e toma medidas drásticas

“Não posso aceitar a derrota porque as coisas não mostram que estamos a perder”, diz Edgar Lungu, citado pelo jornal *News Diggers*. O espectro da derrota assombra a Frente Patriótica. Lungu está avisado do iminente desastre eleitoral, por isso investe tudo para impedir a proclamação da vitória de Hichilema e do seu UPND. Depois de uma campanha violenta e difícil para a oposição, Lungu mandou o Exército para as ruas, dias antes da votação. Uma decisão bastante criticada internamente, pois acredita-se que a Polícia está em altura de garantir a segurança que se exige numa disputa eleitoral.

Ao mobilizar o Exército, o Presidente incumbente pretende ameaçar o eleitorado jovem ávido em mudanças na direcção do país e que já está em prontidão para contestar nas ruas qualquer resultado que não seja a vitória do UPND e seu candidato Hichilema. Já no dia da votação, Edgar Lungu mandou bloquear as redes sociais, nomeadamente *twitter* e *whatsApp*. A ideia parece clara: impedir ao máximo a troca de informações sobre o processo eleitoral. A militarização do espaço cívico e o bloqueio das comunicações através das redes sociais mostram claramente que as



eleições decorrem num contexto marcado por intimidação, ameaças e violação de direitos humanos. Se em 1991 os jovens que votaram pela mudança tinham no Exército um aliado de peso, desta vez a juventude conta com as suas próprias forças, pois há muito que perdeu a confiança nas forças

de defesa e segurança do seu país.

Além do aparelho militar, Lungu conta com os préstimos dos órgãos eleitorais para manter-se no poder. O recurso à fraude eleitoral é uma variável a ter em conta. Basta lembrar que a Comissão Eleitoral da Zâmbia alterou, tardiamente, as regras de

votação, introduzindo a verificação biométrica do eleitor. Isto é, não basta apenas a presença física do eleitor com o seu cartão para exercer o seu direito de voto, é preciso que a sua identidade seja confirmada através da tecnologia. E os aparelhos de verificação biométrica dos eleitores foram colocados propositadamente em círculos eleitorais dominados pela oposição. Há relatos de muitos eleitores devidamente

recenseados e portadores dos respectivos cartões que foram impedidos de votar porque não foram reconhecidos na verificação biométrica.

Tal como acontece em Moçambique, na Zâmbia crescem os receios de cortes injustificados de energia eléctrica e de comunicações para permitir o enchimento de urnas. Certas zonas previamente seleccionadas podem ter sido colocadas às

escuras para inviabilizar a contagem paralela normalmente feita por observadores independentes. Um corte de energia em todo o país foi ensaiado a 8 de Agosto e fez soar os alarmes. Estes e outros receios serão confirmados ou infirmados daqui a três dias, quando a Comissão Eleitoral da Zâmbia divulgar os resultados. Além dos principais adversários políticos, há mais cerca de 15 candidatos.



INFORMAÇÃO EDITORIAL:

<p>Propriedade: CDD – Centro para Democracia e Desenvolvimento Director: Prof. Adriano Nuvunga Editor: Emídio Beula Autor: Emídio Beula Equipa Técnica: Emídio Beula, Ilídio Nhantumbo, Isabel Macamo, Julião Matsinhe, e Ligia Nkavando. Layout: CDD</p>	
<p>Contacto: Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo. Telefone: +258 21 085 797</p>	<p>Twitter: CDD_moz E-mail: info@cddmoz.org Website: http://www.cddmoz.org</p>

PARCEIRO PROGRAMÁTICO



PARCEIROS DE FINANCIAMENTO

